

## **MAN@S NA ESCOLA: da violência à dignidade.**

BORGES, Luiz Otavio (1); MORAES, Maria Regina (2); CAETANO, Marcio Rodrigo Vale (3)

*Universidade Federal do Rio Grande – FURG, [luizotavioborgess@gmail.com](mailto:luizotavioborgess@gmail.com)*

**Resumo:** No sistema educacional, assim como em outras esferas sociais, o preconceito, a discriminação e a violência física são rotina na vida de estudantes homossexuais e trans. A culpa sobre a violência sofrida recai, sempre, sobre as ações e comportamentos do indivíduo, seria ele o responsável pela agressão sofrida. Nesse sentido vale destacar que a culpa e/ou a ocultação aos fatos de agressões realizadas nas escolas e universidades legitimam e incentivam em certo ponto, a violência sofrida por tais indivíduos. Assim nasce o Projeto Man@s na Escola criado a partir de uma demanda levantada pela Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Rio Grande, onde se formou uma união entre vários órgãos governamentais e movimentos sociais, com ideal de melhorar a vida e reforçar a dignidade dessas pessoas por meio de um serviço social focado na Educação, que ajudasse na ascensão escolar dessa população sofrida.

**Palavras-chave:** Educação popular, População LGBT, Dignidade, Violência.

Muitas são as denúncias realizadas por travestis e transexuais (trans) sobre as problemáticas vividas em escolas e universidades regulares. No geral, suas narrativas descrevem dificuldades que vão da efetivação de matrícula (instituída com ações intransigentes que não são vividas em relação às demais matrículas) até a imposição de vestimentas, impedimentos do uso de nomes que estão socialmente reconhecidas/os, uso de espaços físicos e equipamentos escolares/universitários, agressões físicas e/ou verbais experimentadas cotidianamente muitas vezes sob o silêncio e omissão da equipe diretiva.

O contexto de violência vivido por travestis e transexuais produz uma crescente tensão em suas relações escolares, consistindo em um grande desafio suas permanências na instituição. Caetano (2005), descreve que a capacidade de ocultar o desejo homossexual e/ou interpretar performances de gênero no interior das exigidas pelos sujeitos da escola para cada sexo orientarão o nível e modalidade de violência vivida por estudantes LGBT nas instituições educacionais. Entretanto, as atitudes de escolas e universidades, no geral, não se alteram quando as suspeitas homossexuais e/ou trans sobre as identidades sexuais de estudantes são confirmadas, a desinformação agregada a insensibilidade e o preconceito resultam quase sempre em violência e discriminação.

Em escolas e universidades, assim como em outras esferas sociais, a identidade sexual passa a ser a responsabilizada pelo preconceito, discriminação e violência física sofrida pelo/a estudante

homossexual e trans. A culpa sobre a violência sofrida recai sobre as ações e comportamentos do indivíduo, seria ele o responsável pela agressão sofrida. Vale destacar que a culpa e/ou a ocultação aos fatos de agressões realizadas nas escolas e universidades legitimam e incentivam em certo ponto, a violência sofrida pelo indivíduo homossexual ou trans. Ainda com Caetano (2005), a violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao indivíduo, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade físico-psíquica e patrimonial. Violentar o indivíduo, é arrancá-lo da sua dignidade.

A discriminação e preconceito contra os/as homossexuais e trans demarca a diferença de um/a com relação ao/a outro/a, afirmando a diferenciabilidade daquele/a que discrimina e a inferioridade e desvio daquele/a que é discriminado/a. A ideia de desvio implica a existência de um comportamento médio ou ideal, que expressa uma harmonia com as exigências de funcionamento do sistema social. O que agrava o quadro de violência contra homossexuais e trans é a legitimidade que esse ato provoca. É comum que a discriminação não sofra as sanções sociais e legais, a última por inexistir, sendo muitas vezes ovacionada. Vale dizer que a discriminação significa toda e qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência que tenha como resultado prejudicar e anular o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e liberdades fundamentais, nos campos político, econômico, social, cultural e civil, ou em qualquer outro campo, como nos descreve Gaivizzo, (2014). Logo, a discriminação significa, na prática, desigualdade.

Correntemente igualada a preconceito, a discriminação diferencia-se devido sua materialidade na vida cotidiana dos indivíduos e/ou grupos. Sobre os limites entre o preconceito e a discriminação, Caetano (2011) aponta que o preconceito e a discriminação são termos correntemente usados como se fossem correlatos, apesar de designarem ações e acontecimentos diversos. Para o autor, enquanto o preconceito está relacionado às percepções e representações sociais produzidas com o caráter negativo, o termo discriminação diz respeito à materialização objetiva de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas que resultam, cotidianamente, em violação de direitos de grupos, coletivos de indivíduos e/ou indivíduos. O que justificaria ações e políticas diferenciadas às/os trans a fim de enfrentar as desigualdades que Gaivizzo (2014) e Caetano (2011) apontam que são produzidas pelas desigualdades.

É no cenário narrado até aqui que emerge o Man@s na Escola.

O Projeto foi criado a partir de uma demanda levantada pela Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Rio Grande, na qual se formou uma união entre vários órgãos governamentais e movimentos sociais, entre eles, Universidade Federal do Rio Grande, Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e Prefeitura Municipal de Rio Grande, consistindo em dar uma nova oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e Médio. Com ideal de melhorar a vida e reforçar a dignidade dessas pessoas por meio de uma ação solidária, através de um serviço social focado na Educação, que ajudasse na ascensão escolar. A metodologia visa sempre à funcionalidade e a aceleração da aprendizagem de forma a contribuir com a construção do conhecimento dentro do Ensino de Jovens e Adultos, através da individualização sistemática de ensino atendendo as necessidades coletivas e particulares voltados para a educação que se fizer necessários, fazendo um trabalho de motivação (visando à permanência dos alunos) e prevenção (palestras sobre prevenção de doenças). Os educadores participantes do projeto são orientados a desenvolverem com estas jovens e adultas, conhecimentos significativos possibilitando novas aprendizagens. Para tanto partimos do objetivo central que consiste na superação das necessidades mais prementes que se fazem presentes em seu cotidiano, resgatando e incluindo novamente aos espaços escolares e ressignificando vivências.

Com efeito, o projeto realiza espaços dialógicos que buscam problematizar o âmbito do mundo do trabalho, reconhecendo as áreas de conhecimento e apresentando tais possibilidades as/aos sujeitos que buscam ingressar no Ensino Superior, bem como refletir, no caso da retomada do ensino básico nas zonas periurbanas, junto a população LGBT e profissionais do sexo acerca desses processos a partir de sua leitura de mundo e de seu trabalho.

Com o pensamento voltado para o tipo especial de estudantes participante deste projeto, a metodologia visa sempre à funcionalidade e a aceleração da aprendizagem de forma a contribuir com a construção do conhecimento dentro da filosofia do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) através da individualização sistemática de ensino atendendo as necessidades coletivas e particulares voltados para a educação que se fizer necessários. Os conteúdos são contextualizados na realidade do aluno apresentados de forma simples e clara, descritas nas apostilas instrumentais e nos materiais propostos pelos educadores.

Considerar a heterogeneidade desse público, quais seus interesses, suas identidades, suas preocupações, necessidades, expectativas em relação à escola, suas habilidades, enfim, suas vivências se tornam de suma importância para a construção de uma proposta pedagógica que considere suas especificidades. É fundamental perceber quem é esse sujeito com o qual trabalhamos

para que os conteúdos a serem trabalhados façam sentido, tenham significado, sejam elementos concretos na sua formação, instrumentalizando-o para uma intervenção significativa na sua realidade. Um passo inicial foi a elaboração de instrumentos e estratégias que contribuem para o levantamento de dados para além das questões referentes à faixa etária, escolarização, mundo do trabalho ou inserção no núcleo familiar. É importante ressaltar que essa é uma reflexão de todo o coletivo, em que todos participam na elaboração de tais instrumentos e estratégias.

Hoje, o projeto dá um salto de dezessete inscrições e agora conta com sessenta e três alunas e alunos. Esse salto se acontece no momento em que por uma demanda trazida pelas alunas, o projeto começa incluir trabalhadoras e trabalhadores profissionais do sexo.

Enfim, com isso tudo, buscamos a nossa própria transformação em cidadãos mais críticos, seja enquanto coordenadores deste projeto e/ou como educadores, mas também, no desenvolvimento das ações e das atividades educativas ou extraclasse, envolvendo nossas e nossos educandos e suas diversas comunidades. Isto porque, os processos de aprendizagem não podem ser concebidos independentemente das interações educador/educando. A sala de aula é o lugar de uma ação social em que, de forma intencional e planejada, as novas gerações recebem o aprendizado relativo à tradição cultural, à inserção na sociedade e a compreensão de suas personalidades.

## **REFERENCIA**

CAETANO, M. Os gestos do silêncio para esconder as diferenças. 2005. 126fl. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, 2005. \_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares. 2011. 228f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, 2011.

GAIVIZZO, SoledadBech. O Direito dos Povos Indígenas à Educação Superior na América Latina: concepções, controvérsias e propostas. 2015. 160p. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC RS), Brasil, Porto Alegre, 2014.